

241 - REPOSICIONAR O SER ATRAVÉS DO SABER REFLEXÕES À VOLTA DE UMA NARRATIVA JUVENIL DE POPULARIZAÇÃO DA CIÊNCIA

Maria Eduarda Vaz Moniz dos Santos

Centro de Investigação em Educação da FCUL, monizsantos@clix.pt

Com este trabalho, propomo-nos apoiar o diálogo e a parceria entre instâncias e actores de ensino formal e de educação não-formal. Vamos privilegiar *recursos científicos de educação não-formal* que, através dos seus processos livres, pragmáticos e lúdicos, muito diferentes de uma sequência normalizada de lições e exercícios, permitem novas abordagens no campo científico e no da educação cidadã e despertam os professores para novas possibilidades pedagógicas. Proporcionam oportunidades de adquirir informações básicas sobre a ciência e o seu funcionamento, de cruzar e trocar conhecimentos compatíveis com as necessidades sociais e de melhorar a consciência pública sobre ciência, tecnologia e cidadania. Concretamente, propomo-nos debater um projecto social transformador concebido na forma de uma *narrativa juvenil*, “Ami Fron Pat. Histórias para não adormecer” (Santos & Freitas, 2008), fruto de um longo percurso de investigação, radicado numa série de indicadores teóricos e que está a ser usado em situações escolares e não escolares. Este projecto rompe com o “velho e carcomido paradigma técnico-linear e revela outras matrizes possíveis de ensino das ciências. Este, foi o meio que encontramos de contribuir para formar cidadãos capazes de perceber que a ciência e a tecnologia em todas as suas dimensões: como fonte de conhecimento, de prazer, de transformação da qualidade de vida e das relações entre os homens, mas, também, enquanto processo histórico e social que, ao lado de benefícios, pode gerar controvérsias e oferecer riscos à vida de cada um de nós, à vida da comunidade e ao meio ambiente, deve estar submetida a uma constante avaliação ética e política. A narrativa entrecruza a popularização da ciência com a construção da cidadania. Objectiva algumas respostas, mas, sobretudo procura gerar a indagação e o interesse pelo papel nuclear do saber científico e da tecnologia para compreender o mundo. Estimula a avaliação dos riscos e benefícios associados ao impacto e uso das aplicações da C&T e a que os cidadãos se manifestem em relação à ética na ciência e a temas polémicos que envolvem a vida das pessoas. Induz à construção de conhecimentos gerados pelo contexto e a formas de conviver e de aprender com os diferentes. Trata de realidades sócioambientais mais surpreendentes do que as melhores ficções e dá uma atenção especial às possibilidades e potencialidades dos meios digitais na participação cidadã. Joga com histórias ancoradas no real que, cruzando com o imaginário, dão força a problemáticas CTS. Remete, criticamente, para ambivalências da ciência, e da tecnologia, para pensamentos mágicos, excessos de racionalismo e de credices e para as necessárias distinções entre ciência, não ciência e pseudo-ciência.

322 - “COMO OS CONTEXTOS EDUCATIVOS TRABALHAM NAS E COM AS SEXUALIDADES JUVENIS?”

Sofia Almeida Santos

Joana dos Santos Silva

Laura Fonseca

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

As questões que emergem nesta comunicação partem da interacção entre diferentes intervenientes na educação (escolar e não-escolar), no âmbito do projecto de investigação "Sexualidades, juventudes e gravidez adolescente a Noroeste de Portugal", em desenvolvimento no CIIE da FPCEUP. Procuramos, aqui, discutir como as sexualidades (práticas sexuais, íntimas e relacionais juvenis) e educação sexual são reguladas e trabalhadas no contexto escolar, de modo a perceber o *currículo do corpo* (professores/as, currículo escolar) na relação também com as famílias e as comunidades. (Gordon et al. 2001).

Neste contexto, ainda que não seja um tema novo, a Educação Sexual assume um momento - chave no debate político da actualidade e novos contornos acerca da sua “real” presença e valorização na escolaridade portuguesa. Apesar desta temática ter ganho um protagonismo político crescente, desde a década de 80 (Lei nº3/84, Lei nº120/99, Planos e programas de acção nacionais e internacionais), novas significações foram sendo atribuídas a esta problemática. Todavia, a atenção dada à sua concretização tem sido menos muito menos expressiva. Na verdade, a preocupação em criar espaços educativos que contribuam para uma educação na cidadania e bem-estar sexual dos/as jovens, que não se centrem apenas na promoção da saúde sexual e reprodutiva, tem sido apenas lembrada por iniciativas de alguns/algumas profissionais da educação e algumas associações da sociedade civil (APF). Estas iniciativas têm-se caracterizado em promover práticas diversas: aproximação, escuta e cuidado dos/as jovens, a fim de “esclarecer” as “dúvidas” e atender às suas preocupações. Tais práticas merecem ser visibilizadas e interpretadas como “dispositivos pedagógicos” e educacionais, em direcção e como parte de uma agenda de cidadania sexual e da intimidade. A proposta é pensar a educação das sexualidades em vez de uma “educação sexual”.

Nesta comunicação, procura-se assim trazer a experiência educativa enfrentada pelas juventudes, institucionalmente contextualizada (formal e não formal), numa perspectiva que inclua as sexualidades como questão educacional, compreendida como relações de poder e de género. Os sentidos aqui apresentados resultam da análise de entrevistas e dos grupos de discussão focalizada com jovens, rapazes e raparigas, como parte da pesquisa realizada em escolas e instituições sociais e educativas.

MESA 29: EDUCAÇÃO ESCOLAR E NÃO-ESCOLAR

Dia: 02/05

Hora: 09h00

Sala: ESTG - 110

Moderador: José Augusto Palhares

54 - EDUCAÇÃO ESCOLAR E NÃO-ESCOLAR: CONTRIBUTOS PARA UMA RENOVAÇÃO DA SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Armando Loureiro

(Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro/Centro de Investigação e Intervenção Educativas)

A Sociologia da Educação tem-se dedicado, sobretudo, ao estudo da educação escolar/formal, o que se justifica pelo relevo que a instituição escola tem tido na nossa sociedade desde o século XVIII. No entanto, desde há algum tempo, outros tipos de educação, como por exemplo a educação não-escolar e a educação de adultos, outros agentes e instituições educativas vêm ganhando uma importância inegável. Face a esta realidade é pertinente reforçar a ideia da necessidade de a Sociologia da Educação se dedicar também a esta nova e complexa situação. O principal objectivo desta comunicação é contribuir para essa discussão e para a renovação desta área do conhecimento.

Palavras-chave: sociologia da educação, educação não-escolar, educação de adultos

86 - EDUCAÇÃO E CULTURA POPULAR: UMA OUTRA RELAÇÃO COM O SABER

Constantino Araújo Teixeira

Universidade do Minho, tinoteixeira@gmail.com

Fernando Ilídio Ferreira

Universidade do Minho, filidio@iec.uminho.pt

As perspectivas expressas nesta comunicação inscrevem-se num projecto de doutoramento em curso que tem como principal objectivo estudar projectos e experiências desenvolvidos na área da cultura popular, com a participação activa de crianças e jovens, em contextos educativos formais e não formais, através da análise de narrativas biográficas de animadores socioculturais com larga experiência e reconhecimento público neste domínio. Neste projecto, pretende-se estudar, especificamente, os processos participativos de convivência e aprendizagem ligados às formas animadas tradicionais e à percussão que envolvem animadores, crianças e jovens e respectivos grupos e comunidades.

A vertente do projecto aqui apresentada tem um carácter teórico, abordando a relação entre os conceitos de educação e cultura popular. Embora nas sociedades modernas a educação se tenha expandido e consolidado ao ponto de se confundir com o conceito restrito de educação escolar, existe hoje uma grande diversidade de contextos e modalidades educativas, formais, não formais e informais, que contribuem para a educação das crianças e dos jovens em interacção com os adultos. Grande parte deles, entre os quais os projectos e experiências ligados às formas animadas tradicionais e à percussão, desenvolvem-se em torno da cultura popular, a qual foi, historicamente, e ainda hoje continua a ser, desvalorizada pela educação e pelo currículo escolar hegemónicos.

O conceito de cultura popular aqui defendido é o que se opõe à cultura oficial dominante e à cultura de massas. A cultura popular remete-nos para os saberes do povo, para a autonomia e liberdade, para a dinâmica criativa dos vários